



Editorial

A toda hora rola uma história
Que é preciso estar atento
A todo instante rola um movimento
Que muda o rumo dos ventos
“Rumo dos ventos”, Paulinho da Viola

O/a autor/a submeteu o texto. Verificar se está tudo certo. Se estiver, encaminhar a submissão para avaliação. Se não estiver, solicitar ao/à autor/a as correções. Enquanto isso, verificar o e-mail. Encontrar um/a parecerista. Informar o parecerista de que a solicitação de avaliação foi enviada. Verificar novamente o e-mail. O/a parecerista não deu retorno. Notificá-lo/a. A avaliação foi submetida. Observar se está nos conformes e, então, encaminhar para o/a autor/a. Enviar ao/à parecerista uma declaração de que ele/a atuou junto à revista. O/a autor/a perdeu o prazo. Entrar em contato. A versão corrigida do artigo foi submetida. Identificar se atende às solicitações. Há problemas para cadastrar o/a parecerista na plataforma. Contactar o Portal de Periódicos. Enquanto isso, verificar e alimentar as redes sociais e, também, verificar uma vez mais o e-mail. Produzir a arte para divulgação do novo dossiê. O sistema travou. Orientar o/a autor/a sobre como proceder, diante da inoperância da plataforma. Responder às perguntas feitas nas redes sociais. Enquanto isso, diagramar o artigo. Entrar em contato com o/a parecerista que ainda não concluiu a avaliação. Produzir a capa do número a ser lançado. Escrever o editorial. Pedir que o/a autor/a não se esqueça de enviar o endereço do ORCID ID. Diagramar mais textos. Gerar os DOIs das submissões. Inserir, arquivo por arquivo, as submissões no sistema. E... *voilà!* A nova edição está no ar!

As ações acima, muitas delas feitas, às vezes, de forma “invisível”, apresentam um pouco do cotidiano de trabalho num periódico acadêmico. Especialmente no caso da *Em Tempo de Histórias*, editada por estudantes vinculados/as ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, tais atividades são desempenhadas voluntária e simultaneamente ao desenvolvimento de nossas pesquisas e à redação de nossas dissertações e teses. O fluxo desordenado, até caótico, que precede a publicação de um número exige cuidado, dedicação, organização e agilidade – de novo, o que fazemos ao mesmo tempo em que cuidamos de nossas obrigações como mestrandos/as ou doutorandos/as. Observar essa dimensão do periódico é importante para colocar em relevo que ele é uma produção humana, inscrita em dadas condições físicas e psicológicas, pressionada por prazos, exaurida por um contexto pandêmico, o que, não raro, passa despercebido na maquinaria de avaliação e de ranqueamento das revistas acadêmicas.

No Brasil do tempo presente – e mesmo em outras regiões do mundo –, registra-se um expressivo crescimento de negacionismos e revisionismos, centrados em falsear a história para desacreditar da existência de determinadas realidades históricas. Em texto recentemente publicado, Patrícia Valim, Alexandre Avelar e Berber Bevernage questionam:

Como certos passados, sistematicamente escrutinados pelos historiadores, amplamente debatidos e largamente documentados, podem ser simplesmente negados ou apresentados como invenções motivadas por interesses escusos? O que leva grupos e indivíduos a duvidarem da existência do Holocausto, da ditadura militar brasileira, dos incontáveis genocídios ao redor do mundo ou da escravidão que, ao longo de mais de três séculos, moldou as formas sociais do capitalismo moderno? Quais são as operações intelectuais, afetivas, políticas e ideológicas que envolvem e inscrevem os desafios e interrogações lançados pelos negacionismos à história, como conhecimento organizado do passado, aos seus usos políticos, apropriações e condições de produção da verdade? (VALIM, AVELAR, BEVERNAGE, 2021, p. 13)

Embora, como os próprios autores apontam, essas questões levem a respostas bastante complexas, diversas e relativas a muitas camadas de temporalidades, um caminho possível a ser trilhado vai na direção de fortalecer as produções qualificadas, sejam do campo da História, sejam de outras áreas que se dedicam a enfrentar e combater esse fenômeno. Fazê-las circular amplamente e repercutir nos debates públicos é outro desafio urgente. Assim, junto a este editorial, publicamos também um texto conjunto, produzido pelo fórum de Editores da área de História, ligado à ANPUH, como manifesto pela valorização dos periódicos da área.

Esta edição da *Em Tempo de Histórias* tenta oferecer uma contribuição ao debate em andamento, com o Dossiê Temático *História do Tempo Presente: itinerários, dilemas e perspectivas de investigação*, organizado pela Profa. Dra. Ana Luiza Mello Santiago de Andrade (Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC) e pela Profa. Dra. Elisangela da Silva Machieski (Universidade Estadual do Norte do Paraná, UENP / IFMT – Campus Confresa), a quem registramos enormes agradecimentos pelo trabalho cuidadoso de preparação da publicação.

A proposta era reunir artigos que abordassem as mais diversas implicações historiográficas da História do Tempo Presente, a começar pela própria definição do território de investigação desse campo. Nesse sentido, o dossiê arregimentou trabalhos dedicados aos estudos da História do Tempo Presente, marcada não só pelo passado próximo, mas também por reflexões sobre temáticas como a memória, a cultura política, os traumas, as questões identitárias, as narrativas históricas, o ensino de história e sobre sensibilidades e sentimentos historicizáveis.

O número conta com duas entrevistas também relacionadas às problemáticas da História do Tempo Presente. Na entrevista *Diálogos, intersecções e possibilidades no âmbito da História do Tempo Presente: entrevista com Reinaldo Lindolfo Lohn*, realizada por Tâmyta Fávero, discutem-se questões sobre a produção historiográfica no âmbito da História do Tempo Presente. São considerações que levam em conta a conjuntura atual da produção científica no Brasil e no mundo, além de intersecções com outros campos científicos, produções correlatas e, também, com as mudanças da

relação entre sociedade e história. Já na entrevista *Migrações históricas, história oral e trajetórias de vida: uma conversa com o Professor Luis Fernando Beneduzi*, produzida por Nathália Pereira Cabral, o foco recai sobre questões referentes às migrações internacionais, especialmente a trajetória de brasileiros e brasileiras na Itália.

Na sequência, temos oito artigos livres que tematizam diversos eixos. Em *Entre as frias grades e as espinhosas flores: um estudo sobre o processo de expatriação do intelectual cubano Reinaldo Arenas*, Ualisson Pereira Freitas analisa o processo de expatriação sofrido pelo intelectual Reinaldo Arenas e por milhares de outros cubanos.

No artigo *Apontamentos sobre uma História da travestilidade: costume, perversão, arte e identidade*, Anderson Marques Roberto levanta alguns apontamentos para a escrita de uma história da travestilidade, identidade de gênero própria da América Latina, especificamente do território brasileiro.

Em seguida, Gustavo de Souza Rubbi, em *Antes da maquiagem e das transformações: uma análise das práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 a 2019)*, busca compreender as práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba, examinado tanto suas visões de mundo quanto suas percepções acerca dos modos como são vistas pelos demais segmentos da sociedade.

No texto seguinte, *Aranhas gigantes comunistas e um capitalismo morto: Guerra Fria e ficção científica nas obras de Robert Heinlein e Iván Efrémov*, de Raphael Silva Fagundes, analisa-se a ficção científica produzida na URSS e nos EUA durante a Guerra Fria, partindo das obras de Iván Efrémov (*A nebulosa de Andrômeda*) e Robert Heinlein (*Tropas Estelares*).

Logo depois, Norma Sueli Semião Freitas, em *A idealização da "mãe dos pobres": a atuação da primeira-dama Luíza Távora no Ceará (1960-1990)*, realiza um estudo da atuação da primeira-dama Luíza Távora, buscando entender, a partir de sua figura pública, como ela mobilizava relações entre gênero, política e religião, durante as décadas de 1960 e 1990, no Ceará.

No próximo artigo, *Entre dois tempos: representações do século XIX e do XX na imprensa do Rio de Janeiro e de Minas Gerais entre 1900 e 1901*, Flávio Raimundo Giarola analisa as percepções diante do século XIX e do XX na imprensa do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, entre 1900 e 1901.

Em seguida, Pedro Henrique Soares Santos, no artigo *Quem deve contribuir com o "imposto de sangue?" Discussões parlamentares sobre o recrutamento no I Reinado*, discute os projetos políticos em disputa acerca do recrutamento para o Exército imperial durante o I Reinado.

Fechando a sessão de artigos livres, Daysi Lange, Mariana Emanuelle Barreto de Gois e Renata Mascarenhas Freitas de Aragão, em *À luz lombrosiana dos pareceres de biotipologia do estado de Sergipe: perícia dos detentos da Penitenciária Modelo de Aracaju/SE, 1926-1960*, analisam os formulários produzidos pelo Gabinete de Biologia Criminal do Estado de Sergipe, especificamente os dados morfológicos e o

psicodiagnóstico de Rorschach que reuniram informações sobre os detentos e/ou da população carcerária, entre as décadas de 20 e 60, do séc. XX.

Encerrando o número, dois trabalhos compõem a sessão de notas de pesquisas. Em *Literatura e violência no ensino de História: uma breve análise das escritas de Carolina Maria de Jesus e Scholastique Mukasonga*, Adriana Gomes Ferreira propõe diálogos pedagógicos entre História e Literatura, indicando usos possíveis das obras de Carolina de Jesus e Scholastique Mukasonga no ensino de história. Finalmente, em *Cangaço: mulheres e memória (1930-1940)*, de Antoniel Neres dos Santos e Jackeline Mendonça Costa, discutem-se alguns aspectos da participação feminina no Cangaço.

De forma muito particular, neste que, depois de três anos, é meu último editorial como editor da *Em Tempo de Histórias*, peço licença para registrar meus profundos agradecimentos ao Portal de Periódicos da UnB, especialmente à Thayse Cantanhede e à Ruthléa Nascimento, pelo apoio irrestrito na resolução das questões técnicas da revista. Do mesmo modo, agradeço aos/às colegas do Conselho Editorial, pelo convívio promissor e gentil. Os agradecimentos são extensivos ao Conselho Consultivo e aos/às inúmeros pareceristas que contribuíram conosco nesse período, cujo trabalho é imprescindível para a qualificação do periódico.

Que os tempos sigam sendo de histórias, como cantou Paulinho da Viola...

Boa leitura a todos/as/es!

Artur Nogueira Santos e Costa

Conselho Editorial
dezembro de 2021

Referências:

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre; BEVERNAGE, Berber. Apresentação. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 13-36, 2021.